

# Entre prosa e poesia: o experimentalismo de Elio Pagliarani, por Agnes Ghisi e Helena Bressan Carminati

Literatura Italiana Traduzida ISSN 2675-4363 AGNES GHISI ELIO PAGLIARANI HELENA BRESSAN CARMINATI em fevereiro 14, 2020



Cartaz do filme baseado na obra de Pagliarani

Durante as décadas de 1950 e 1960, período do chamado "boom econômico" italiano, acontece, no país, a passagem de uma sociedade baseada economicamente em um sistema agrícola para uma sociedade industrial e urbana (TESTA, 2016). Com o auxílio recebido pelo **Plano Marshall**, a Itália pôde pensar na reconstrução de suas cidades e se desenvolver em vários setores, especialmente nas esferas comerciais e industriais, visando (re)estabelecer-se a partir dos rastros deixados pela Guerra. Em consequência dessas transformações socioeconômicas, que estavam intimamente ligadas à vida moderna, e da difusão da língua *standard* com os meios de comunicação de massa, o campo cultural não pôde ficar alheio. A produção literária passa por questionamentos e é repensada, com outros instrumentos e formas, em que o uso e a relação com a língua, bem como, com a nova realidade estabelecida ganham novas atribuições.

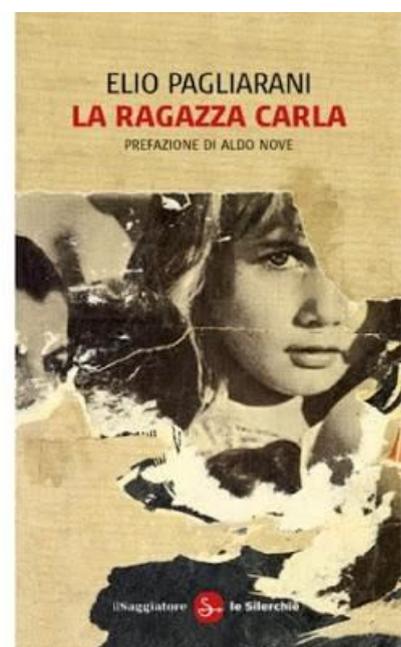
Nesse momento, com o surgimento das indústrias e da produção em massa, forma-se também uma nova classe social, a classe trabalhadora, habitante das periferias dos grandes centros

econômicos em desenvolvimento. O ritmo da vida muda e, com isso, a relação com o tempo é abalada. Essas mudanças vêm refletidas na literatura da época, como por exemplo, na produção poética, na qual da produção lírica, de tom elevado e uma constante centralidade do “Eu”, passa-se para uma poesia outra, marcada por uma linguagem mais acessível, com uso de vocábulos antes nunca usados, e que se dá pela aproximação a outras manifestações artísticas, como a narrativa e a dramaturgia, descentralizando a figura do “Eu” -- agora “eu”(s).

Elio Pagliarani (1927-2012) escreve *La Ragazza Carla*, objeto de estudo deste texto, nesse *zeitgeist*, entre 1954 e 1957, anos que sucederam o imediato pós-guerra e que foram marcados pela urbanização e industrialização desenfreada. A literatura desse período, chamada de vanguarda, traçava “caminhos e percursos diferentes, mas que apresentavam um denominador em comum: a ideia de uma literatura que deveria focar mais na linguagem e nas formas de expressão, do que na tentativa de “representar” ou “simular” a “realidade” por meio do discurso literário” (PETERLE, 2012, p. 115). É, então, uma literatura experimental.

*La Ragazza*, segue então esta corrente, entrelaçando prosa e poesia com aspectos dramáticos, e é considerada a mais marcante ruptura com o pós-hermetismo e o neorrealismo, além de ter marcado o início do movimento neo-vanguardista, que se desenvolve nos anos 1960 na Itália. O poema narra a história de Carla Dondi, jovem de 17 anos que mora na periferia com a família e trabalha como datilógrafa\* na cidade de Milão, numa empresa “à sombra do Duomo”. O poema trata, dentre outros, da relação de Carla com a cidade, e por consequência, com a sociedade dos anos '50 na Itália. Além da jovem, a narrativa apresenta outras personagens que interagem entre si, apresentando *interposte persone*, bem como, "um narrador e um *plot* bem definido" (ZUBLENA in GIOVANUZZI, 2003, página 60).

Carla pode ser lida como a representação de um coletivo marcado pela alienação e a dessensibilização\*\*, que vive para trabalhar e chega à vida adulta sem sonhos ou desejos. Nos versos de Pagliarani, podemos perceber a imersão dessa jovem na sociedade e na vida da classe operária, bem como, seu desenvolvimento nesse ambiente. São dados alguns *insights* de sua vida familiar, de sua relação com o chefe e com os colegas de trabalho; o leitor segue o caminho que Carla percorre, da casa para o trabalho, do trabalho para a escola, e da escola para casa, sem pausas. Todas as cenas se desenrolam



numa Milão que vive o *boom* econômico, e que, portanto, passa pelo conturbado progresso industrial e urbano.

O caos social desse período é reforçado pela linguagem de Pagliarani: versos quebrados, sintaxe fragmentada e algumas interações que o texto estabelece com a página. O autor se distancia dos cânones e da poesia erudita para se ater a pequenos detalhes do cotidiano, como: "sembra a Carla di credere, e sta attenta a non muoversi / ché il sonno di sua madre è così lieve nel divano accanto / - ma dormirà davvero, con Angelo e Nerina / che fanno cigolare il vecchio letto / della mamma!" ("a Carla lhe parece crer, e está atenta para não se mexer / que o sono de sua mãe é tão leve no sofá ao lado / - mas estará mesmo dormindo, com Angelo e Nerina / que fazem ranger a velha cama / da mãe!"). A tradição poética italiana do final do século XIX e início do XX não só não abordava temas como esses, como sempre fez uso de uma linguagem mais rebuscada.

A obra de Pagliarani, por sua vez, faz uso de uma linguagem cotidiana, com marcas da oralidade que percorrem todo o poema, e algumas expressões que inserem o leitor na rotina de Carla e da classe proletária da época, fazendo referência à maneira com que se expressavam, criando, com isso, um quadro de seu estilo de vida. Além disso, essa linguagem segue o ritmo da industrialização e da mecanização da vida, como o movimento das mãos de Carla em sua função de datilógrafa. Um ritmo, então, também mecanizado e marcado pela ausência de pontuação e pela sintaxe fragmentada, isto é, pela ausência de sentido, como em "Il ponte sta li buono e sotto passano / treni carri vagoni frenatori e mandrie dei macelli / e sopra passa il tram, la filovia di fianco, la gente che cammina / i camion della frutta di Romagna" ("a ponte está ali firme e embaixo passam / trens carros vagões frenadores e rebanhos dos açougues / e em cima passa o bonde, a linha ao lado, as pessoas que caminham / o caminhão de Frutas da Romagna"). Nesse trecho podemos observar a evocação de imagens cotidianas da vida de Carla e elementos próprios desse período, como trens e bondinhos.

Ainda, dentro do contexto do cotidiano de Carla, Pagliarani apresenta, em alguns trechos, a linguagem empresarial, marcada por forte presença da língua inglesa, ressaltando, assim, como a intervenção norte-americana invade os espaços de desenvolvimento sócio-econômico da sociedade italiana, portanto, também de sua cultura. Observemos: "È dalla fine estate che va a scuola / Guida tecnica per l'uso razionale / della macchina / la serale / di faccia alla Bocconi, ma già più / *Metodo principe / per l'apprendimento / della dattilografia con tutte dieci / le dita*" ("Desde o fim do verão vai à escola / Guia técnica para uso racional / da máquina / à noite / em frente à Bocconi, mas ainda mais / Método príncipe / para a aprendizagem / da datilografia com todos os dez / dedos"), e "A third world war / FONDAMENTO DEL DIRITTO DELLE GENTI, L'ISTITUTO / DELLA

GUERRA È ANTICO QUANTO GLI UOMINI: A DIRIMERE / LE CONTROVERSIE FRA GLI STATI, SIA PURE COME EXTREMA RATIO" ("A third world war / FUNDAMENTO DO DIREITO CIVIL, O INSTITUTO / DA GUERRA É TÃO ANTIGO QUANTO OS HOMENS: PARA RESOLVER / AS CONTROVÉRSIAS ENTRE OS ESTADOS, EMBORA COMO EXTREMA RATIO"). Nesse trecho, temos diversos elementos sendo trabalhados ao mesmo tempo, como no caos das fábricas: a interação com a página, a constante quebra em versos que causa um ritmo mais veloz, a tipografia (caixa alta, itálico), as linguagens empresarial e narrativa, bem como, o uso da língua inglesa.

Por fim, para retomar a questão do *zeitgeist* e de Carla como símbolo de toda uma geração que se vê privada de um futuro concreto, marcada pela constante alienação que o estilo de vida causava, evidenciamos um trecho representativo: "Carla, / sensibile scontrosa impreparata / si perde e tira avanti, senza dire / una volta mi piace o non lo voglio / con pochi paradigmi non compresi / tali, o inaccettati; desideri / precisi da chirarirsi non le avanzano / a fine mese" (Carla, / sensível ranzinza despreparada / se perde e continua andando, sem dizer / alguma vez eu gosto ou não quero / com poucos paradigmas inclusos / tais, ou não aceitados, desejos / que precisam se esclarecer não duram nela / até o fim do mês"). Essa juventude vê suas aspirações sumirem em meio ao caos da vida urbana capitalista e industrial; o desabrochar de Carla é lento e privado de consciência, visto que é tomada por uma apatia constante, que não lhe permite perceber o que acontece a seu redor e sequer consigo mesma. Por isso, seu amadurecimento acontece quase de maneira automática, mecânica, como já comentado. Apesar do uso de *interposte persone*, Pagliarani faz com que Carla se expresse em poucos momentos do poema, o que pode ser lido como sua pouca consciência de mundo, sua extrema passividade ao que lhe é imposto.

A obra de Pagliarani é fruto de um período contraditório, de uma realidade complexa que se deixa perceber, hoje, através de experimentações poéticas, de língua e de forma, que se mesclam à prosa e ao drama, e através da polifonia coletiva da geração do *boom* econômico. Os artifícios linguísticos empregados por Pagliarani representam uma abertura da própria literatura, e esse *poemetto* marca não só a ruptura com a tradição poética, como também, o início do período de experimentação neo-vanguardista. A obra não foi traduzida no Brasil e traduzi-la seria uma tarefa árdua, justamente por essas questões experimentais, e que exigiria grande esforço e criatividade. O filme homônimo, de Alberto Saibene (2015), também não chegou às lojas brasileiras. Entretanto, há, na rede, especialmente no YouTube, material interessante para conhecer um pouco mais da obra. A comunicação que fizemos em 2017 pode ser assistida no nosso canal, [aqui](#).

\*Uma relação interessante que se pode traçar é entre a personagem de Pagliarani e a de Lispector, Macabéa, que também era datilógrafa. Ademais, a obra de Clarice pode ser lida como fruto do mesmo *zeitgeist* de forte industrialização e urbanização que o Brasil viveu nos anos 1970.

\*\*Aqui, podemos criar uma ponte temática entre a obra de Pagliarani e os filmes de Antonioni (mais especificamente, a trilogia da incomunicabilidade: *L'Avventura* (1960), *La Notte* (1961) e *L'Eclisse* (1962)), que também trazem personagens alienados e dessensibilizados pela vida urbana, mas de caráter burguês.



## REFERÊNCIAS

GIOVANNUZZI, Stefano. Gli anni '60 e '70 in Italia: due decenni di ricerca poetica. Gênova: Edizioni San Marco dei Giustiani, 2003.

PAGLIARANI, Elio. La ragazza Carla. Milão: Il Saggiatore, 2016.

PETERLE, Patrícia. “O grupo 63 e a “desordem cultural”.” In: Literatura de Vanguarda e Política - O Século Revisitado. Niterói: Editora Comunità, 2012.

TESTA, Enrico. Cinzas do século XX: três lições sobre a poesia italiana. 1ª Edição - Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.